

MÊS DAS VOCAÇÕES

Adriano, bispo diocesano

Aos poucos foi nascendo o costume de consagrar-se o mês de agosto ao tema "Vocações", pensando-se no chamamento de Deus para o sacerdócio em primeiro lugar.

Talvez a festa do S. João Maria Vianney, o santo vigário de Ars, na França, tenha influência sobre o novo costume. João Maria Vianney foi um padre santo e zeloso, um missionário ardente de amor a Jesus Cristo e aos homens. Viveu de 1786 a 1859. Intelectualmente pouco dotado, conseguiu, à custa de muito sacrifício e com a compreensão dos superiores que nele divisavam sinais claros de santidade, ser afinal ordenado sacerdote (13-08-1815). O bispo nomeia-o como vigário de Ars. Começa então um apostolado extraordinário que iria irradiar-se de Ars para a França e para o mundo. A comunidade de Ars era fria, no que toca à Religião. Embora todos fossem católicos, poucos se importavam com a Igreja. Partindo de um grande amor a Deus e do zelo de "salvar almas" (como se dizia), começa um apostolado firme e fiel: catequese de crianças e de adultos, introdução de associações religiosas, apostolado das confissões (passava horas e horas no confessionário, atendendo grande multidão de penitentes que vinham de outras aldeias e cidades), pregações simples e diretas. Este homem pouco dotado intelectualmente mas cheio de amor conseguiu uma transformação radical na sua paróquia em um centro de Fé e de piedade. Tornou-se, sobretudo depois de canonizado por Pio XI (1925), uma das pessoas de referência da Igreja Católica no que diz respeito à Pastoral popular. Em 1929 foi declarado "padroeiro dos vigários".

É bem possível que o Santo Cura d'Ars (como é chamado S. João Maria Vianney), como sua festa, que é o Dia do Clero, em 04 de agosto, tenha in-

fluenciado a celebração do mês de agosto, como mês das vocações.

Num dia de vocações, num mês de vocações o que é que se pretende?

Temos de lembrar-nos, como ponto de partida, da ordem que Jesus Cristo deu à sua Igreja, nos deu a nós todos. Vale a pena reler S. Mateus (Mt 9,35-37): "Jesus percorria todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas e pregando a boa-nova do Reino e curando todas as doenças e enfermidades. Ao ver a multidão, ficou profundamente comovido, porque estava cansada e estendida por terra como ovelhas que não têm pastor. Disse então aos discípulos: A messe é abundante, mas os trabalhadores são poucos; peçam ao dono da messe que envie trabalhadores para a sua messe".

Do ponto de vista do apostolado não há nenhuma outra passagem do Novo Testamento que acentue com tanta clareza o objetivo de nossa oração, de nosso apostolado como esse trecho de S. Mateus. Jesus aparece como o Pastor, por excelência, percorrendo os diversos lugares, ensinando oficialmente na sinagoga, anunciando a boa-nova do Reino por palavras e sinais. Dentro de seu contexto apostólico, que é modelo para a Igreja, vem a ordem expressa de pedir ao Pai mande trabalhadores para o campo que está esperando a colheita. As palavras de Jesus não se referem à colheita final do último Juízo, referem-se à Igreja em sua caminhada histórica. Esta Igreja concreta, aqui e agora, é um campo maduro para a colheita. E para esta colheita faltam os trabalhadores. Cabe-nos, por ordem de Jesus, pedi-los ao Pai. Todo apostolado vocacional tem seu fundamento na palavra clara de Jesus. Desta palavra partimos para incentivar entre os fiéis e em cada um de nós a chamada Pastoral Vocacional.

IGREJA MISSIONÁRIA

Adriano, bispo diocesano

No quarto domingo de outubro a Igreja nos lembra o dever das Missões e a natureza missionária de todo cristão.

Assumindo o Batismo, na pessoa de nossos Pais e padrinhos, e pela Crisma integrados mais profundamente no mistério da Igreja, recebemos todos a missão de anunciar Jesus Cristo a todos os Povos, como o salvador da humanidade.

Antes de voltar para o Pai, Jesus ordena aos Apóstolos: "Vão ao mundo inteiro, puguem o evangelho a toda a criatura. O que crer e for batizado, será salvo; o que não crer será condenado" (Mc 16,15). "Aproximou-se, então, Jesus e disse-lhes: Foi-me dado todo o poder no céu e na terra. Vão, pois, e façam discípulos todos os Povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo o que lhes prescrevi. Eis que estou

com vocês todos os dias, até o fim do mundo" (Mt 28,18-20).

Temos aqui uma ordem expressa. Mas muito antes, em contacto com o Povo, com os doentes, com os sofrendores, com os apóstolos, pela palavra e pelo exemplo Jesus inculcava nos Doze o dever missionário que vale para todos porque vale para toda a Igreja.

Deveria ser para todos nós, cristãos, motivo de santo orgulho termos a consciência de que Jesus Cristo, o enviado do Pai, nos envia mundo afora, para anunciar a Boa-Nova do Reino.

Daqui a pouco teremos eleições para Presidente e Vice-Presidente da República. Daqui a pouco teremos a porfia dos candidatos aos diversos Ministérios, às autarquias, aos postos de direção em todos os organismos do Estado. Atropelam-se os candidatos. Surgem as mais diversas qualificações. Procuram-se pistóloes. Aparecem os mais diversos títulos de paren-

tesco, de amizade, de influências. Tudo bem. O espírito do mundo é precisamente este. Sem vontade de poder, de prestígio, ninguém vence na vida. Pensamos nisto e pensamos à luz da Fé, no fato de nós todos — porque há lugar para todos — sermos chamados a ser colaboradores de Deus, a exercer os mais diversos ministérios no Reino de Deus. Isto é tanto mais verdade quanto mais intensamente vivermos a nossa Fé cristã.

Um destes ministérios do Reino é precisamente ser missionário, ser anunciador do mistério da salvação, em Cristo e na Igreja, a todos os irmãos que ainda vivem nas trevas e na sombra da morte (Sl 106,10; Lc 1,79).

Há missão que se realiza entre os pagãos, como a Igreja praticou desde suas origens, como por exemplo o grande missionário que foi Paulo, anunciando Cristo e este crucificado, para nossa libertação (cf. 1Cor 2,1-2). Através dos séculos a Igreja sentiu-se missionária, mesmo quando envolvida pelo espírito do mun-

do misturava a proclamação da Fé com os imperialismos dominantes. Lembremo-nos aqui da palavra do Poeta quando n'Os Lusíadas canta "as memórias gloriosas daqueles Reis que foram dilatando a Fé e o Império" (I, 2). Lembremo-nos que Reis e Imperadores assumiam a proteção dos missionários (isto vale para católicos e para protestantes) que eram considerados e se consideravam enviados de Cristo e enviados do Rei e com a pregação missionária ajudavam a consolidar a dominação política. Alegremo-nos, que essa mentalidade passou.

Além da missão entre os pagãos, há também a missão entre os próprios cristãos e católicos que esfriaram na Fé e precisam de uma segunda evangelização, esta talvez mais difícil e complicada, porque vem lutar contra preconceitos, contra meias-verdades, contra uma vida cristã que se fez mistura de Cristianismo e de Paganismo, mistura que satisfaz melhor do que a pureza exigente da Boa-Nova de Jesus Cristo.

NESSA ESCOLA DE FÉ

Adriano, bispo diocesano

Desde o ano passado funciona a Escola de Fé de nossa diocese. No Centro de Formação. Com vários cursos. E com boa frequência.

Que é que procura a Escola de Fé que tão boa aceitação vai tendo?

Já na primeira Assembléia diocesana, em 1967, houve um consenso geral sobre a necessidade de formação como prioridade pastoral. Essa prioridade continuou até agora. Catequistas, líderes comunitários, ministros dos sacramentos, professores de Religião, membros dos conselhos paroquiais e comunitários — todos os leigos engajados confessam a necessidade de cursos mais profundos, sistemáticos, regulares que forneçam um conhecimento aprofundado da Fé e ajudem a vivência

Antecipando a conclusão do 1º Sínodo Diocesano, achamos conveniente fundar quanto antes a nossa Escola de Fé que, em nível médio, colaborasse para a boa formação de leigos engajados.

Faz-nos felizes verificar como as comunidades reagiram com entusiasmo à proposta de nossa Pastoral. Os alunos são, em regra geral, catequistas, membros dos Conselhos, ministros auxiliares dos Sacramentos etc. — todos pessoas humildes, operários, donas-de-casa, pessoas sacrificadas, que apesar de uma vida apertada encontram ainda tempo para sua formação na Fé.

Ou em fins de semana ou à noite ou ainda, para os que podem, em algumas tardes lá estão esses generosos irmãos e irmãs escutando as lições, praticando os exercícios, vivenciando em grupo a nossa Fé.

A virtude teologal da Fé, segundo a tradição da Igreja, é um dom gratuito do Espírito Santo. Mas isto não dispensa o nosso esforço em conhecer as verdades que Deus nos revelou, por um gesto do seu Amor. Aprofundar a nossa Fé consiste em conhe-

cer as verdades reveladas e, ao mesmo tempo, em viver a Fé na sua dimensão comunitária.

Vamos dar uns exemplos.

A Fé nos ensina que Jesus Cristo é Deus e homem, duas naturezas — a divina e a humana em uma só pessoa. A reflexão teológica sobre esta verdade é fundamental para todas as Igrejas cristãs. Não poderemos nunca entender, em sentido pleno, este mistério do Cristo. Mas, através do estudo e da oração, aprenderemos a tirar conseqüências importantes do mistério da encarnação do Verbo de Deus no seio puríssimo de Maria.

Deus faz-se homem, faz-se um de nós. Assim cria-se uma ligação profunda, entre Deus e os homens. O Verbo de Deus se fez homem e fez entre nós a sua morada. Já pensamos seriamente nesta realidade sobrenatural que só é possível "compreender" à luz da Fé?

A certeza de que Deus está no meio de nós é uma fonte perene de revolução interior, de conversão profunda, que necessariamente repercute na vida de cada dia. Deus não é um Deus distante e fechado. É um Deus de Amor que, por ser Amor, se aproxima de nós através de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo. Tem mais: Jesus Cristo, como diz Paulo, que é Deus, não se apegou "com ciúme" à sua divindade, antes pelo contrário esvaziou-se desta sua condição essencial, tomou a natureza de escravo, fez-se semelhante ao homem e foi considerado em tudo como pessoa humana (cf. Fl 2,6-7). E o esvaziamento foi tão perfeito, que, em Jesus Cristo, Deus se humilhou até à obediência e, num extremo de obediência que é esvaziamento total, aceitou morrer na cruz (cf. Fl 2,8). Nisto Jesus Cristo fez-se nosso exemplo, nosso modelo. Daí por que Paulo nos exorta a proceder como Cristo: "Tenham no seu coração os mesmos sentimentos que foram os de Jesus Cristo" (Fl 2,5).

A Escola de Fé quer ensinar as conseqüências da Fé para nossa vida prática.

A GRANDE ESCRAVIDÃO

Adriano, bispo diocesano

Em 7 de setembro de 1822, num cenário sem pretensões, à margem de um riachinho, diante de uma tropa reduzida, o príncipe Dom Pedro, herdeiro do império português, reage às ordens das Cortes Por-

tuguesas com a palavra de rebeldia: "Independência ou morte". Estaria o Brasil independente, graças a uma frase de orgulho juvenil?

Aos poucos foi crescendo o orgulho nacional, até fixar-se nessa data, uma entre muitas, como data simbólica de todas as aspirações de independência do

nosso País. Mais tarde a data simbólica de 7 de setembro foi considerada como o "Dia da Pátria", a data nacional por excelência.

A Tradição fixou-se no dia 7 de setembro de 1822. Como poderia ter fixado como data nacional, sempre como data simbólica, o dia 21 de abril de 1792 quando Tiradentes foi enforcado por sua tentativa de independência. Poderia ter-se fixado também no dia 9 de janeiro de 1822, data do "Fico", data da resistência juvenil do mesmo Dom Pedro às Cortes Portuguesas que o convidavam a voltar para Portugal, a pretexto de aperfeiçoar sua educação de futuro Rei de Portugal. Poderia ter-se fixado ainda no dia 2 de julho de 1823, quando foram expulsos os soldados do general Madeira da Bahia, último foco de resistência ao domínio português. Como o 2 de julho é data baiana, bem poderia ser a data-símbolo da nação brasileira. A Tradição preferiu o dia 7 de setembro.

Todas as nações têm o seu feriado nacional. Temos nós o nosso. É pena que seja um tanto enfraquecido pelo exagerado de feriados nacionais (que já foram muito mais numerosos). É pena que, no correr dos últimos decênios, tenha caído em certo descrédito, por causa do esforço de governos ditatoriais (Getúlio Vargas, 1937-1945; Regime Militar, 1964-1985) em ideologizar o Dia da Pátria, pondo-o a serviço do Governo.

Apesar de tudo a festa nacional vai-se afirmando. Nesse dia — 7 de setembro — vemos a nossa data nacional, a nossa festa, o Dia da Pátria. Devemos olhá-lo como o dia em que todos os brasileiros se

debruçam sobre a sua História, sobre a sua realidade, num gesto de Amor que, por ser de Amor, envolve sentimentos de gratidão e de esperança, de verdade e de justiça. Queremos bem ao Brasil, mas por isto mesmo, vemos com clareza e objetividade, as nossas virtudes e os nossos defeitos, o nosso presente marcado de tantos defeitos e o futuro que desejamos preparar, nossos heroísmos e nossas hipocrisias.

É o Amor profundo que temos ao Brasil que nos faz enxergar longe e descobrir certas mazelas sociais que, apesar de todas as aparências bonitas, desfiguram o rosto de nossa Pátria e entram demais o nosso progresso. Dentre essas mazelas gostaria de lembrar uma que não é a corrupção, a falta de perseverança, o empreguismo, a burocracia etc., uma que ainda não é avaliada como a pior escravidão, mas o é de fato: a mazela que eu gosto de chamar de "esquizofrenia social". Em que consiste?

Sem descer a minúcias nossa esquizofrenia social está em termos e, sem quase nenhuma reação, vivermos dois Brasis num só Brasil, dois Povos num só Povo: o Brasil dos poderosos e o Brasil dos oprimidos; o Povo do poder — uns 20 a 25% — e o Povo marginalizado — uns 75 a 80% de nossa população. Em qualquer setor da vida nacional — citemos por exemplo educação, saúde, política, economia, agricultura etc. — vemos claramente a separação entre uns poucos que têm tudo e os muitos que não têm nada ou apenas migalhas. Num Dia da Pátria não devíamos esquecer a escravidão em que vive a maioria do nosso Povo. Escravidão interna.

NEGRITUDE NA IGREJA

Adriano, bispo diocesano

Hoje em dia, a Igreja tem compreendido melhor o valor da negritude, como expressão da vontade de Deus e como dado importante na realização do plano de Amor do Pai. Sentimo-nos hoje envolvidos também no processo de auto-afirmação do negro e na formação de uma consciência negra que, com decisão e energia, reivindica à sociedade o reconhecimento do valor da negritude. A partir de nossa Fé essencial temos de corrigir certas deformações ideológicas da Fé, quando por exemplo identificamos nossa Fé com uma Fé europeizada ou antes: embranquecida; quando, esquecidos da dignidade fundamental da pessoa humana, absolutizamos algum dos elementos "mediterrâneos" da Fé que nasceu e criou-se durante alguns séculos às margens do mar Mediterrâneo.

Foi através da visão mais católica e mais universal do Vaticano II (1962-1965) que as missões católicas foram-se livrando de certo conteúdo ideológico, como por exemplo a superioridade da Igreja dos brancos, a dúvida sobre a aptidão de um negro assumir plenamente a Fé cristã, a exclusividade de formas litúrgicas europeias com rejeição de formas não europeias etc. etc. Com o Vaticano II a Igreja deu um grande passo na compreensão dos valores religiosos, culturais dos diversos Povos.

Na prática ainda temos de fazer muito esforço para aplicar devidamente a boa teoria conciliar. Estamos demasiadamente marcados da tradição europeia na formulação filosófico-teológica, na realização da Liturgia, nas medidas disciplinares etc. Em todo o caso, o Vaticano II previu aberturas antes impensáveis. Assim por exemplo quando proclama: "Familiarizem-se com suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo ali ocultas" (Ad Gentes 11). Em várias passagens dos documentos

conciliares se menciona o dever de adaptação, de inculturação, de respeito aos valores de cada Povo.

Graças a Deus, as colocações teóricas vão aos poucos atingindo o trabalho de base.

Mas aqui poderíamos perguntar: Mas por que a Igreja, iluminada pela Fé, só descobriu no Vaticano II o valor dos Povos que vão ser missionados?

Olhem para Jesus Cristo, para podermos compreender a caminhada histórica da Igreja.

Despojando-se, esvaziando-se de sua divindade, Jesus Cristo assume em tudo (menos o pecado) a nossa condição humana (Cf. Fl 2,5-11). Lucas nos levanta a ponta do véu quando nos diz: "Desceu com eles de volta para Nazaré; e era-lhes submisso. E sua mãe conservava fielmente todas essas lembranças no coração. Quanto a Jesus, crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens" (Lc 2,51-52).

O crescimento de Jesus é como o crescimento de todas as crianças. O crescimento da Igreja é como o crescimento de Jesus. Não é por uma inspiração de perfeição que a Igreja cresce. Erros de Fé a Igreja, assistida pelo Espírito Santo, não os pode cometer. Mas erros de humanidade, falhas, imperfeições, infidelidades, cegueiras, falsas colocações humanas, tudo o que decorre de sua natureza de Igreja de homens, tudo esteve, está e estará presente na sua peregrinação através dos tempos.

Lembro isto (cf. também Lumen Gentium n. 8), para compreendermos como a Igreja, que é sempre uma Igreja encarnada no tempo e no espaço, pode cometer faltas de percepção, faltas de respeito, faltas de visão nas suas andanças pelo mundo. Também no que toca à negritude. Mas quando chega o momento da graça, vemo-la também corrigir-se e assumir um processo de conversão profunda.

IGREJA E NEGRITUDE

Adriano, bispo diocesano

Na Liturgia reformada por Paulo VI conservaram seu lugar a festa de S. Benedito, o Preto, e a festa de Nossa Senhora do Rosário. São festas populares no Brasil, desde os tempos coloniais.

O calendário litúrgico estabeleceu a festa de S. Benedito no dia 05 de outubro e em 07 de outubro, a festa de Nossa Senhora do Rosário.

S. Benedito era franciscano, nascido na Sicília (1526) de pais escravos, provavelmente da Etiópia. Era negro. Levou uma vida de intensa espiritualidade, venerado pelo Povo como santo. Morreu em 1589. Foi canonizado em 1807.

No dia 07 de outubro a Liturgia comemora a festa de Nossa Senhora do Rosário, uma festa que era a princípio celebrada em Igrejas particulares, mas depois da vitória dos cristãos sobre os turcos, em Lepanto (07-10-1571), foi permitida à Igreja universal, primeiro com o nome de Festa de N. Senhora da Vitória e, mais tarde, como Festa de N. Senhora do Rosário.

Nos tempos coloniais as duas festas se tornaram populares no Brasil e foram consideradas festas dos negros.

Por quê?

O fato de S. Benedito ser preto deve ter contribuído para ser aceito pelos negros como um dos seus. Mas por que N. Senhora do Rosário? Se sempre existiram imagens "negras" de N. Senhora (lembro N. Senhora Aparecida, no Brasil, N. Senhora de Altötting, na Alemanha etc.), a piedade dos escravos fixou-se em N. Senhora do Rosário, que era "branca".

Mas na origem da devoção negra a S. Benedito pode estar outro elemento, que vale também para N. Senhora do Rosário: certo racismo alimentado pelos brancos que gostariam de ver os negros longe dos seus lugares de culto. Assim nasceram só povos negros, as irmandades de N. Sra. do Rosário, com suas igrejas próprias que eram freqüentadas pelos negros.

Ainda hoje (como atesta Cascudo) as festas de S. Benedito estão ligadas a celebrações folclóricas. Fazem parte das nossas tradições.

Fora esses exemplos, um tanto folclóricos de festas dos negros, que é que fez a Igreja no sentido de valorizar a negritude? Pouco ou nada. Assimilando as posições do colonizador branco, a Igreja fez em relação aos escravos que vinham, forçados, da África para o Brasil um trabalho de superfície: todos os negros eram batizados, recebiam os sacramentos, eram considerados cristãos. No coração os escravos conservavam, embora escondidos, sob a figura dos santos católicos, os seus deuses natais. Enganaram assim a Igreja e os colonizadores. Depois da República que trouxe a separação entre a Igreja e o Estado e aboliu a Igreja do Estado, os negros foram, muito devagarzinho, ainda receosos de represálias, mostrando que, sob a forma de santos católicos, veneravam de fato os seus deuses. Daí o incremento ao culto de origem africana, como o temos nos terreiros de candomblé, de umbanda etc.

A Igreja nunca se preocupou com os africanos enquanto africanos e negros. Com exceção de alguns profetas (como foi um Bartolomeu de las Casas, tomando a defesa dos negros escravos) os negros eram tratados a partir de uma metrópole colonizadora branca e de uma Igreja missionária também branca. As prevenções contra a raça negra duraram até os nossos dias quase, apesar de um Henrique Dias, de um Rebouças, de um José do Patrocínio, de um Dom Silvério Pimenta etc. Quando eu tinha 12 para 13 anos queria ser franciscano. No prospecto oficial do Colégio Seráfico estava entre outras qualidades do candidato, esta: o candidato deve ser de cor clara... Com a mudança da sociedade a Igreja também mudou. E mudou na linha de Jesus Cristo que assumiu a causa dos pequenos, dos humildes, dos fracos, ela assumiu como sua também a causa dos irmãos negros, a causa da negritude.

PRÓXIMAS ELEIÇÕES

Adriano, bispo diocesano

Depois de quase trinta anos teremos no dia 15 de novembro próximo, justamente quando celebramos o primeiro centenário da República, as primeiras eleições diretas para Presidente e Vice-Presidente da República. Jânio Quadros e João Goulart, em 1960, foram os últimos eleitos pelo voto direto do Povo. Jânio Quadros tomou posse em janeiro de 1961 e já em agosto desse mesmo ano renunciava ao cargo de Presidente sob pressão de "forças ocultas" que nunca foram denunciadas. Os ministros militares tentaram um golpe de Estado, para impedir a posse do Vice-Presidente, como determinava a Constituição. Depois de negociações, consentiram desde que João Goulart aceitasse ser Presidente num sistema parlamentarista de Governo. Pouco mais tarde um plebiscito fazia votar o sistema presidencialista. Os militares nunca perdoaram a Goulart. Tramaram até darem o golpe em 31 de março / 1º de abril de 1964. E assumiram o Governo que deveriam manter até 1985.

Durante vinte e um anos os militares introduziram um sistema próprio de eleições que, conservando as aparências de eleições democráticas, sancionava o candidato único, sempre um general, que o Estado Maior das Forças Armadas indicava. O Povo ficou margi-

nalizado da eleição para Presidente e Vice-Presidente da República.

Não só: durante vinte e um anos a ditadura militar impediu o correto exercício da Democracia. Privou o País de novas lideranças. Concentrou todo o poder nas mãos dos militares, sobretudo do Exército.

Apesar do regime militar, cresceu no Povo a consciência democrática. De tal modo que em 1964 os militares começaram a dar os passos para entregar o Governo a um civil. Pelos moldes da ditadura foi eleito o deputado Tancredo Neves para Presidente e o deputado José Sarney para Vice-Presidente. Seria o Governo de transição democrática. A morte de Tancredo Neves antes ainda de assumir a presidência colocou Sarney na cadeira de Presidente, de acordo com a Constituição.

O Governo de transição democrática teve de arcar com as conseqüências da ditadura e com a inexperiência das novas gerações políticas. Teve também de conviver com os antigos vícios da democracia nacional, tão marcada de clientelismo, cartorialismo e corrupção.

As próximas eleições de 15 de novembro são um passo importante para a restauração da Democracia. Trinta anos depois restitui-se ao Povo brasileiro o direito de escolher diretamente o seu Presidente e o

seu Vice-Presidente. Não serão ainda as eleições que gostaríamos de realizar para o bem do Povo brasileiro. O fato de se terem formado mais de quarenta partidos políticos explica por que se apresentaram 37 candidatos aos dois postos, dos quais foram aprovados e reconhecidos vinte e dois. Esse exagero de candidatos, por sua vez, denota a perplexidade e confusão do Povo e dos políticos.

Seja como for, desejamos que nunca se repita no Brasil qualquer tipo de ditadura civil ou militar. Seja como for, diante das eleições previstas para o mês próximo, só temos que nos alegrar. Foi-nos restituído, afinal, esperamos que definitivamente, o direito de escolhermos nossos dirigentes maiores. Deles

vai depender, em grande parte, os rumos de nossa Pátria, no futuro próximo.

Com sentimentos de amor profundo ao Brasil vamos eleger os que melhor defendem a causa do Povo, os que mais intensamente estejam integrados na sorte do Povo brasileiro, os que no seu passado, mais pelas suas ações do que pelas suas palavras, estão profundamente integrados com o sofrimento e as esperanças do Brasil.

A Igreja não tem candidato próprio. Nem está aliada a nenhum Partido. Mas orienta seus membros a escolher com responsabilidade os candidatos que procuram promover o bem comum.

IGREJA E ELEIÇÕES

Adriano, bispo diocesano

Em face das eleições a Igreja oficial, quer dizer: a Igreja por seus bispos e padres, pode tomar várias atitudes ou posições. Vejamos uma por uma.

A Igreja se mostra indiferente, refugia-se em si mesma, sem dar importância ao fenômeno das eleições, que é característico do regime democrático e manifestação da participação do Povo no processo político. É uma atitude alienada, dificilmente aceitável para uma Igreja que, por sua essência, deve ser uma Igreja encarnada. Creio que no Brasil de hoje é difícil de imaginar uma Igreja desinteressada da Política que é um elemento básico da sociedade.

A Igreja assume a causa de um determinado candidato ou de um determinado Partido Político. Aqui recordamos os períodos, nada áureos, da Igreja que era a Igreja oficial do Estado, como aconteceu no Brasil no período colonial e no período imperial. Era uma Igreja inteiramente sujeita ao Estado, manipulada ou mesmo escravizada, em troca de certos privilégios duvidosos, como por exemplo ser subsidiada pelo Estado, seu clero ser membro do funcionalismo estatal, não se permitir culto público de outras religiões etc. Aqui podemos mencionar o fenômeno mais recente de uma Igreja, que, não sendo Igreja oficial, se identifica com a causa de algum candidato ou de algum partido. Essa identificação manietada de alguma sorte a liberdade e o profetismo da Igreja que, pelo seu candidato ou partido vitoriosos, é entendida como participante e garantia da Política do seu candidato ou do seu Partido.

Uma terceira posição: a Igreja participa do processo político no sentido a) de uma formação política do Povo, muito antes das eleições, talvez mesmo como parte integrante de sua Pastoral; b) de uma conscientização ininterrupta dos cristãos para assumirem o seu papel na Política, para examinarem com espírito crítico os programas dos partidos e dos candi-

datos, para defenderem a causa do Povo, para enfrentarem os grandes problemas nacionais (lembro aqui por exemplo educação, saúde, moral pública, dívida interna e externa, integração do Povo marginalizado no processo social, distribuição de renda, instrumentos de participação democrática para o Povo etc.).

A terceira posição parece ser a mais acertada.

Aí a Igreja nunca será poder, nunca estará associada e comprometida com a Política de algum partido ou de algum candidato. Aí a Igreja terá sempre a liberdade de denunciar as injustiças e as violações dos direitos humanos. Aí a Igreja terá as melhores possibilidades de assumir a causa do Povo com o qual se identifica. Aí a Igreja não correrá o perigo de servir os poderosos às custas da sua opção preferencial pelos pobres.

Na confusão do momento presente temos de resistir a todas as pressões que, de boa ou de má-fé, se fazem sobre a Igreja para assumir a Política de um candidato ou de um Partido. Deveríamos insistir muito em que a Igreja não pode ser utilizada ou manipulada como muleta eleitoral de quem quer que seja. Devemos também insistir em que a Igreja tem um "partido" opcional inegável: o Povo sofrido como tal, o Povo com o qual ela se identifica no sentido do Evangelho. Renunciando tanto a uma posição alienada quanto a um engajamento político-partidário, a Igreja oficial conserva-se independente para poder defender com mais eficiência a causa do Povo e para poder exercer com mais autenticidade a sua missão profética.

Quanto aos católicos: devem ter a maior liberdade de escolha político-partidária e na escolha de seus candidatos, a partir sempre, no entanto, de um programa que, essencialmente, esteja voltado para as causas do Povo. Com o exercício das práticas democráticas o Povo aprenderá sempre melhor a discernir quais são os melhores candidatos e quais são os partidos voltados para o Povo.

CLARISSAS E POVO

Adriano, bispo diocesano

Como foi devidamente anunciado, aconteceu no dia 13 de maio passado a inauguração do Mosteiro de Santa Clara, a primeira comunidade de vida contemplativa na diocese de Nova Iguaçu. A participação do Povo foi boa. No dia 12 em procissão muita gente acompanhou as Clarissas, que carregavam o andor de Nossa Senhora de Fátima, até o seu novo convento, no Bairro de Botafogo, paróquia de Nossa Senhora das Graças, do Parque Flora.

No dia da inauguração encheu-se de Povo a igreja de Santa Clara que não é pequena. Na tarde do dia 13 e na tarde do domingo, dia 14, muita gente aproveitou a oportunidade de conhecer por dentro o que é e como funciona um mosteiro dedicado inteiramente à oração, à contemplação e ao sacrifício, bem como aos trabalhos internos para a manutenção da comunidade. Temos a impressão de que o Povo compreende o significado do Mosteiro de Santa Clara para nossa diocese.

Assim mesmo ou por isto mesmo podemos perguntar: que relações têm as Clarissas com o Povo? Uma comunidade de religiosas contemplativas não corre o perigo de distanciar-se do Povo e de alienar-se dos problemas que pesam sobre a maioria dos habitantes de nossa Baixada?

Com minha experiência dos três anos passados, em contacto constante com nossas Irmãs Clarissas, cinco vindas da ilha da Madeira e três do Mosteiro da Gávea no Rio, posso dizer que nem a vida contemplativa em si mesma nem estas irmãs que a Divina Providência orientou para nossa diocese, vivem distantes ou alienadas dos problemas que esmagam nosso Povo. Santo Agostinho tem uma palavra bonita: "A compreensão profunda é a recompensa da Fé". Quer dizer: quem tem Fé, quem vive da Fé, Fé no sentido do Evangelho e da melhor tradição de nossa Igreja, nunca se aliena, nunca se distancia. Pelo contrário: conserva o contacto vivo com a realidade e procura sempre colaborar para a transformação da realidade segundo o espírito de Jesus Cristo. Separadas, sim, pela clausura papal que não permite a ninguém entrar nem às religiosas sair do mosteiro, fora casos de urgente necessidade, as Clarissas estão unidas a todas as intenções de nossa diocese, a todas as nossas atividades pastorais, a todos os sofrimentos de nosso Povo.

Em espírito de serviço, procuram informar-se sobre as dificuldades, os problemas atuais da Baixada, as intenções principais de nossas comunidades. O bispo

mesmo, muitos padres, muitas religiosas, muitos leigos levam às irmãs a problemática da Baixada e do nosso Povo.

Em certas horas é possível aos membros do Povo de Deus, sozinhos ou em grupos, visitarem as irmãs, conversarem com elas no parlatório — sala onde se pode conversar através de grade —, pedirem orientação espiritual, recomendarem intenções. Nesses contactos impressiona a alegria, o bom humor que as irmãs comunicam, tudo marcado da Fé, da Esperança e do Amor que elas aprendem da união com Jesus Cristo, para o bem dos irmãos.

Sim, o mosteiro de religiosas contemplativas é uma casa onde se presta aos irmãos sofridos, sobrecarregados de aflições, desanimados, talvez mesmo desesperados o serviço de caridade evangélica: como orientação, como aconselhamento, como solidariedade fraterna, como encorajamento, como raio de luz nas trevas do coração. As irmãs rezam e fazem sacrifícios para o bem do Povo. Porque também elas sabem muito bem que se não existe Pastoral sem Jesus Cristo, também não existe Pastoral sem o Povo.

Veremos, em breve, o valor de uma comunidade contemplativa para nossos trabalhos pastorais, para nossos problemas pessoais, para todos os aspectos dolorosos de nossa Baixada. Mas não esqueçamos de acompanhar com interesse e compreensão o apostolado silencioso de nossas Clarissas em sua vida escondida com Cristo em Deus.

PERSEVERAVAM NA DOCTRINA DOS APÓSTOLOS

Adriano, bispo diocesano

As comunidades da Igreja primitiva eram de fato aquilo que chamamos hoje Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Estas com as devidas transformações de comportamento que se fundam numa evolução histórica, cultural de dois mil anos. Na sua estrutura essencial, porém, as comunidades da Igreja dos primeiros tempos e as comunidades de nossos tempos se fundam, conforme o testemunho dos Atos dos Apóstolos (história das primeiras comunidades cristãs), nos mesmos valores da Fé: doutrina dos Apóstolos, comunhão, fração do pão e oração (cf. At 2,42).

Podemos compreender muito bem que, para as comunidades da Igreja primitiva, os Apóstolos — tanto os Doze (Matias substituiu a Judas) como alguns outros que receberam a mesma missão, por ex. Paulo — eram as pessoas acreditadas para ensinarem na Igreja o que Jesus ensinou. A Igreja sabia, por várias testemunhas, que Jesus Cristo ensinou a Boa-Nova aos Doze e os mandou à sua frente. Mais: depois da Ressurreição envia-os mundo a fora, anunciando o Evangelho do Reino. Para as comunidades cristãs os Apóstolos eram as pessoas de referência, no que toca ao testemunho sobre Jesus e ao ensino da Boa-Nova. A palavra de Deus era transmitida aos novos discípulos. Paulo nos dá um testemunho dessa fidelidade da tradição apostólica: "Eu recebi do Senhor o que também transmiti a 'vocês' (refere-se à Eucaristia) (1Cor 11,23). Os Apóstolos não inventam nada de essencial: transmitem o que receberam da boca do Mestre. A Fé que ensinam é uma Fé comunicada por Deus ao seu Povo, através dos patriarcas e profetas e nos "últimos tempos" através do próprio Filho de Deus (cf. Hb 1,1).

Os Apóstolos estavam empolgados com a doutrina de Jesus. Escutaram-na. Conservaram-na com respeito. Com respeito a transmitiam à comunidade. A comunidade cristã, por sua vez, não poderia mostrar outra

atitude senão respeito e aceitação daquilo que os Apóstolos ensinavam.

Naturalmente, essa palavra era uma palavra de Fé, uma palavra viva que transformava a vida de cada cristão e era transmitida aos novos cristãos. Imagine-nos estarmos sentados com irmãos e irmãs nossos recém-convertidos diante de Pedro. Com que recolhimento e atenção ouviríamos a narração do chefe dos Apóstolos. Com que alegria aprenderíamos o que ele nos ensinasse. Quantas perguntas faríamos, para entender melhor as lições de Jesus. Sairíamos do nosso curso de introdução, alegres, entusiasmados, dispostos a pôr em prática tudo o que nos dissera nosso ca-tequista.

Não se tratava somente de aprender. O mais importante era viver e praticar o que Jesus ensinava para a glória de Deus. Era da Fé que tiravam argumentos para uma vida comunitária exemplar. Podemos compreender também que, diante de situações concretas, os Apóstolos deveriam dar um passo adiante no sentido de organizar as primeiras comunidades cristãs. O grande organizador que era Paulo certamente ensinou muitas normas e deu orientações aos seus irmãos mais novos. A comunidade na Igreja primitiva devia assumir e assumiu normas próprias particulares de uma comunidade cristã.

Deveria haver também comunidades carismáticas que, pelos seus carismas particulares, eram exemplo para outras comunidades: a organização da comunidade carismática era oficializada e aceita em outras comunidades.

Num processo lento, irregular, muitas vezes imprevisível, determinados tipos de organização se tornam gerais numa determinada área geográfica, até muito mais tarde se tornaram reconhecidos oficialmente para toda a Igreja. Mas quaisquer que sejam os tipos de organização todas as comunidades aceitam como fundamental a perseverança na doutrina dos Apóstolos.

CÚRIA DIOCESANA — AVISOS

Aviso 22/89 — Dia das Missões (22-10-89) — Há vários anos comemoramos o Dia das Missões como um dos pontos fortes de nossa Pastoral. Apesar de sermos uma Igreja fraca e pobre, somos assim mesmo uma Igreja missionária. Financeiramente precisamos pedir auxílio a muitas instituições e a muitos benfeitores de outros países. Sempre nos têm ajudado, tanto a criar as nossas infra-estruturas pastorais como a realizar nosso plano pastoral em nível de diocese e em nível de paróquias. Pobres somos também de padres e religiosos. Mais ou menos dois terços do nosso clero vêm de outros países. Várias nações nos ajudam em nosso esforço pastoral. Também muitas religiosas são originárias de outras nações. Por tudo isto somos gratos ao Pai, doador de todos os bens. Mas por isto mesmo nos sentimos devedores da Igreja universal. Não podemos esquecer já por motivos de gratidão nosso dever de incentivar as vocações e de modo particular as vocações missionárias em nossa diocese. Para isto deve servir o Domingo das Missões e da Santa Infância que celebramos, no Brasil, no dia 22 de outubro. A pregação em todas as Santas Missas terá como assunto o tema das Missões, das vocações missionárias, do dever missionário da Igreja e de nossa diocese.

Aviso 23/89 — 23 anos em Nova Iguaçu — No dia 6 de novembro Dom Adriano completa 23 anos de bispo em Nova Iguaçu. Com o nosso bispo vamos agradecer a Deus todas as maravilhas que o Espírito Santo tem operado em nossa diocese, em nossas comunidades, para o bem do nosso Povo, para o bem de nossa querida e sofrida Baixada Fluminense.

Aviso 24/89 — Assembléia Diocesana — Terá lugar no Centro de Formação, em 18 de novembro próximo, a Assembléia Geral de nossa diocese. São convi-

dados todos os membros do clero, todo o Conselho Pastoral, as religiosas e ainda outras pessoas. O assunto principal da Assembléia, que vai durar somente um dia, é a revisão de nossas prioridades (assumidas na Assembléia Diocesana de 1983 e confirmadas em 1986) e a procura de iniciativas pastorais mais urgentes, de acordo com as prioridades: formação, juventude e ação social. Pedimos que todos compareçam.

Aviso 25/89 — Fr. João Maria: 50 anos de sacerdócio. — No dia 26 de novembro nosso Fr. João Maria Baethgen Ofm., pároco de Engenheiro Pedreira há 20 anos, celebra o jubileu áureo de sacerdócio. São 50 anos de dedicação total ao serviço do Povo de Deus aqui e anteriormente em outras regiões do Brasil. Às 9h haverá solene concelebração, presidida pelo nosso jubilado, com a participação do bispo diocesano, que fará o sermão, e de muitos padres de nossa diocese. Em união com o Povo de Engenheiro Pedreira vamos agradecer a Deus o bem que Fr. João Maria, num apostolado humilde e fiel, tem feito ao Povo de nossa Baixada.

Aviso 26/89 — Envio dos Ministros — Também no dia 26 de novembro, a partir das 15h, celebraremos o envio dos Ministros do Batismo, da Comunhão e de testemunhas qualificadas do casamento. Dom Adriano presidirá a cerimônia para caracterizar o aspecto eclesial do serviço que os ministros prestam a nossa diocese. Nessa ocasião os ministros recebem a provisão que os qualifica diante da comunidade a exercer o seu ministério. — Nova Iguaçu, Catedral de S. Antônio, 01 de novembro de 1989.

Encerramento deste número: 01-11-89. Endereço do BD: Cúria Diocesana, Rua Capitão Chaves 60 (ou: Cx. Postal 77285) — 26220 Nova Iguaçu — RJ. Tel.: (021)767-7943.

CALENDÁRIO PASTORAL
(OUTUBRO 1989)

01	Dia Internacional da Juventude RPast. 3	(15h00) Com. Dioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL
03	r(09h00) Mens. Pastoral, CENFOR	10 r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL
	r(15h00) Com. Dioc. de Vocações, CEPAL	(19h30) RPast. 4
05	r(19h00) Com. Dioc. de Catequese, Cat.	13 r(19h30) RPastoral 1, Catedral
06	r(14h00) Equipe Dioc. de Clubes de Mães, CEPAL	15 r(08h00) Com. Dioc. de Liturgia, CEPAL
07	r(07h30) Com. Dioc. da Família, Cat.	(09h00) Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR
	Equipe de Animadores da Crisma, CEPAL	17 r(09h00) Mensal do Clero, COr.
	(09h00) Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR	(20h00) RPast. 2
	(15h00) Com. Dioc. de Juventude, CEPAL	20 r(19h30) RPast. 7
		22 <i>Dia mundial das Missões</i>
		24 r(09h00) Cons. Presbiteral, CEPAL
		(15h00) Com. Dioc. de Ministérios, CEPAL
		(19h30) RPast. 6
		27 r(19h30) RPast. 5

CALENDÁRIO SOCIAL
(OUTUBRO 1989)

- | | | | |
|------------|--|------------|---|
| 02 n(1935) | Sabina Mortier ICM, RVentos | n(1941) | Ana Maria do Carmo P. Mendes FSA, Laje |
| 03 v(1985) | Natércia Fonseca Furtado IFRB, Xangrilá | 16 n(1937) | Geraldo João Lima, pQ-São João |
| v(1985) | Tânia Regina de Oliveira IFRB, Xangrilá | m(1925) | Beatriz Algeri FB, IESA |
| 04 v(1968) | Maria Fernanda de S. Francisco OSCL, Botafogo | 17 n(1941) | Ivanildo de Holanda Cunha, cP |
| 07 n(1943) | Maria do Carmo Gonçalves MSSp, MCouto | 18 o(1942) | <i>Dom Adriano Hypolito OFM, bispo diocesano</i> |
| v(1937) | Maria Alcântara Schrode FB, IESA | 19 o(1986) | Gilberto Teixeira Rodrigues, pEPassos |
| 10 n(1930) | <i>Renato Stormacq CICM, vigário-geral, pA</i> | 20 m(1984) | Francisco Sancho de Assis, Fortaleza |
| 11 n(1941) | Bartolomeu Bergese CEIAL, pCruzSul | 25 o(1947) | Manoel de Lima Cáuper CSSp., pO-Trind. |
| n(1954) | Nair Soares Guimarães ISJC, Bom Pastor | n(1933) | Justina Basco ISJC, Bom Pastor |
| s(1959) | <i>Dom Honorato Piazzera SCJ, Lajes</i> | v(1956) | M. Abadessa Maria da Imaculada Conceição OSCL, Botafogo |
| (1981) | <i>Criação da Diocese de Duque de Caxias</i> | 27 n(1920) | <i>Dom Walmor Battú Wichbrowski, Porto Alegre</i> |
| 12 n(1945) | Terezinha Luiza da Silva MJC, Banco de Areia | 28 n(1928) | Manoel Monteiro Carneiro, chanceler, pK-11 |
| | | 31 n(1938) | Bernardo Oleskovicz OFM, pN-Conceição |

CALENDÁRIO PASTORAL
(NOVEMBRO 1989)

- | | | | |
|-------------|--|-------------|--|
| 02 | <i>Finados</i> | (15h00) | Com. Dioc. de Vocações, CEPAL |
| 03 r(14h30) | Equipe Dioc. dos Clubes de Mães, CEPAL | 10 r(19h30) | RPast. 1, Cat. |
| 04 r(07h30) | Com. Dioc. da Família, Cat. | 14 r(09h00) | Cons. Presbiteral, CEPAL |
| (08h00) | Equipe Dioc. de Crisma, CEPAL | (19h30) | RPast. 4 |
| (09h00) | Com. Dioc. de Justiça e Paz, CENFOR | 17 r(19h30) | RPast. 7 |
| (15h00) | Com. Dioc. de Juventude, CEPAL | 18 r(08h00) | <i>Assembléia Diocesana, CENFOR</i> |
| (15h00) | Com. Dioc. de Círculos Bíblicos, CEPAL | 21 r(09h00) | Clero, COr. |
| 05 r(14h30) | RPast. 3 | (20h00) | RPast. 2 |
| 07 r(09h00) | Cons. Pastoral (cai este mês) | 24 r(19h30) | RPast. 5 |
| | | 26 | <i>Celebração do Envio</i> |
| | | | <i>Jubileu de sacerdócio (50 anos) de Fr. João Maria Baethge OFM</i> |
| | | 28 r(19h30) | RPast. 6 |

CALENDÁRIO SOCIAL
(NOVEMBRO 1989)

- | | | | |
|------------|---|------------|--|
| 01 v(1947) | M. Helena Telhada de Azevedo FC, Cab. | 10 n(1932) | Amélia Popessa ISJC, VCava |
| 03 o(1963) | João Serra de Araújo CSSp, sup. regional, Q-Conc. | 11 v(1978) | Maria de Fátima Farroco MJC, Banco de Areia |
| 04 n(1905) | Mons. Arthur Hartmann pO-Seb. (84 anos) | 16 n(1911) | <i>Dom Honorato Piazzera SCJ, Lajes</i> |
| 06 (1966) | <i>Posse de D. Adriano, em NI (23 anos)</i> | 18 n(1956) | Mário Luiz Menezes Gonçalves, pL |
| 07 n(1937) | Fernando Vandenabeele CICM, pSEug. | 22 n(1958) | Uyara Almeida do Vale OSCr. SRita |
| 08 v(1966) | Helena Barrese MJC, Q-S.João | 23 n(1955) | Maria de Lourdes Trabach FC, Viga |
| 09 v(1960) | A. Maria Aparecida Eides Santos FSA, L | 25 n(1940) | Margarida Ferreira da Silva FB, IESA |
| | | 26 o(1939) | <i>João Maria Baethge OFM, pEPedr. 50 anos de sacerdócio</i> |
| | | 27 m(1987) | Sebastião Lima, Belford Roxo |
| | | 30 o(1936) | <i>Dom Honorato Piazzera SCJ, Lajes</i> |
| | | (1953) | Agostinho Pretto, pCat. |